

Dora Kramer*

Combate ao sistema é truque para enganar eleitor

Uma das saídas defendidas por petistas para superar a fase de adversidades é vestir o figurino antisistema. Isso equivale à difícil tarefa de convencer as pessoas de que o governo é, ao mesmo tempo, de situação e de oposição.

Pode ser que o conceito fique um tanto confuso na mente do eleitorado, porque sendo governo e se colocando no lugar de opositor a “tudo isso que está aí”, esse ente híbrido seria adversário de si mesmo.

E aí, de que lado se localiza o argumento? A sugestão propõe mais um enigma do que uma solução. Ademais, insere o risco de soar como falsidade, pois, quando interessa, os detentores do poder de turno argumentam que a sua força segue inabalável e resistente ante as investidas dos inimigos. Reivindicam, com razão, suas prerrogativas -todas decorrentes das regras do “sistema”.

É a chamada contradição em termos, da qual busca se valer também a oposição, cujos pretendentes a presidente são um senador, dois ex-governadores, um presidente de partido e um ex-ministro e ex-presidente da Câmara. Todos devidamente criados nos crité-

rios da ordem institucional. O sistema, portanto.

A partir dessa realidade inquebrantável chega-se à conclusão de que essa história de antisistema é só uma tentativa mal-ajambrada de enganar o eleitorado.

Gente que, obviamente, em sua maioria, não se deixa enganar nem se levar pela ideia do desmonte da ordem na qual se organizam os Poderes, os partidos, as eleições, as demandas populares, enfim, tudo aquilo que rege a democracia.

Falta aos defensores da tese da confrontação dizer claramente o que querem. Seria a terra arrasada? Acabar com tudo, refazer a República? Com base em quais preceitos? Posta assim, a questão dos pretensos insurgentes revela-se apenas o caso de rebeldes de uma causa vazia.

O tempo perdido com falácias seria mais bem aceito pela sociedade se preenchido com o exame claro e detalhado das muitas distorções a serem corrigidas, a fim de que o dito sistema funcione no molde equilibrado postulado pela Constituição.

*Jornalista e comentarista de política

Paulo César de Oliveira*

É bom pensar na hora de votar

O ano era 1985. Fernando Henrique disputava a prefeitura de São Paulo e as pesquisas o colocavam bem à frente de Jânio Quadros. FHC liderava com tanta folga que usou sentar-se na cadeira de prefeito. Nas urnas não foi bem assim. Se venceu nas pesquisas perdeu nas urnas. Em resposta, Jânio, o segundo das pesquisas, logo ao tomar posse deu a resposta: desinfetou a cadeira. O que este episódio deixa bem claro é que nem sempre os resultados das pesquisas coincidem com os das urnas, ainda mais quando as medições são feitas em períodos distantes das eleições. Não que as pesquisas divulgadas agora estejam erradas. Elas representam um momento do eleitor que pode mudar seu voto até mesmo dentro do gabinete.

As últimas eleições municipais em Belo Horizonte confirmam isto. Quem liderou desde o início nem alcançou o segundo turno. Certamente será assim agora também. Numa eleição mais ampla, com disputas estaduais e nacional o eleitor fica ainda mais disperso e a maioria só se decide mesmo na hora de votar. Este ano temos ainda a agravante da radicalização da disputa, o que deve aumentar a indecisão do eleitorado.

O que se prevê na campanha eleitoral é uma chuva de denúncias que atingirão todos os candidatos - em especial, claro, os com maiores chances - o que só faz adiar a decisão do eleitor. Esta eleição traz um desafio para o eleitor brasileiro, normalmente “ligado”

apenas nas disputas do Executivo.

Os fatos políticos têm deixado evidente a necessidade do brasileiro escolher melhor seus representantes no Legislativo. O parlamentar é essencial na democracia e deve ser o representante do povo nas decisões nacionais. Não é bem o que estamos assistindo. Nosso Parlamento está radicalizado e vota, ou trava votações, conforme o interesse de seus grupos, disfarçados em conceitos ideológicos. A queda do veto da dosimetria é um exemplo claro deste comportamento. O Congresso derrubou o veto presidencial visando beneficiar grupos e algumas lideranças específicas que colocaram em risco a democracia brasileira. E festejou como uma derrota do governo, sem considerar que, ao proteger condenados por tentativa de golpe, beneficiarão também criminosos comuns que poderão requerer redução de pena. E isto não é impor uma derrota ao governo, como festejado. É impor uma derrota ao Brasil.

O eleitor, ao fazer sua escolha, precisa pensar na responsabilidade que tem um parlamentar. Ele pode mudar o país. Daí a necessidade de que haja critérios mais sérios na definição do voto. O voto não pode ser forma de homenagear alguém. Pense nisto. Analise bem, procure conhecer melhor. Depois não adianta ficar xingando.

*Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

EDITORIAL

A busca pelos jovens no período eleitoral

A cada ciclo eleitoral, o Brasil renova não apenas seus representantes, mas também a oportunidade de fortalecer sua democracia. Nesse contexto, a participação dos jovens de 16 a 18 anos, embora facultativa, revela-se essencial. Tirar o título de eleitor nessa faixa etária não é apenas um ato burocrático: é um passo concreto em direção ao exercício da cidadania e à construção de uma consciência política ativa.

Muitos ainda enxergam a política como um espaço distante ou desacreditado, sobretudo entre os mais jovens. No entanto, é justamente essa percepção que torna ainda mais urgente a sua participação. Ao se alistarem como eleitores, adolescentes passam a integrar formalmente o processo democrático, deixando de ser apenas espectadores para se tornarem agentes de transformação. É nesse momento que se inicia, de forma prática, a compreensão de que decisões políticas impactam diretamente áreas como educação, transporte, saúde e oportunidades de trabalho.

Além disso, o voto jovem tem potencial de influenciar agendas públicas. Ao longo da história recente, pautas como meio ambiente, inclusão social, tecnologia e educação ganharam força justamente pela mobilização de novas gerações. Quando esses

jovens ocupam seu espaço nas urnas, enviam uma mensagem clara aos governantes: suas demandas não podem ser ignoradas.

Outro ponto relevante é o desenvolvimento do senso crítico. O processo de escolha eleitoral estimula o interesse por informação, o debate de ideias e a análise de propostas. Em um cenário marcado pela circulação de desinformação, incentivar o voto consciente desde cedo contribui para formar cidadãos mais preparados para distinguir fatos de opiniões e participar de discussões de forma responsável.

Vale lembrar que o direito ao voto nem sempre foi garantido de forma ampla no Brasil. Ele é resultado de lutas históricas por inclusão e representatividade. Assim, quando jovens optam por não exercer esse direito, mesmo que não sejam obrigados, deixam de honrar uma conquista coletiva e de aproveitar uma ferramenta legítima de expressão.

Portanto, incentivar o alistamento eleitoral entre 16 e 18 anos é investir no presente e no futuro do país. A democracia se fortalece quando mais vozes são ouvidas, especialmente aquelas que representam as novas gerações. Participar desde cedo é não apenas um direito, mas um compromisso com a construção de um Brasil mais justo, consciente e plural.

Opinião do leitor

Hipertensão arterial

O aumento de casos de hipertensão arterial no Brasil assusta. E a doença está ligada com cuidados na alimentação. A primeira medida é adotar uma dieta mais saudável e reduzir o consumo de sódio, principalmente.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: GOVERNO PARAGUAIO DECRETA ESTADO DE SÍTIO NO PAÍS

As principais notícias do Correio da Manhã em 30 de abril de 1931 foram: Foi decretado estado de sítio em todo o território do Paraguai. Boatos em Portugal indicam que há um possível levante em Guiné.

Reforma eleitoral na Inglaterra está sendo discutida no parlamento. Villa-Lobos se prepara para grande concerto em São Paulo. Governo se prepara para a festa do 1º de maio.

HÁ 75 ANOS: JOÃO CARLOS VITAL EMPOSSADO COMO O NOVO PREFEITO DO DF

As principais notícias do Correio da Manhã em 30 de abril de 1951 foram: Tropas chinesas a rram, pela primeira vez, que Aliados passaram do paralelo 38. Caixa nanciará os jornalistas para a aquisição

de prédios residenciais. João Carlos Vital empossado como o novo prefeito do Distrito Federal. Câmara segue apreciando o projeto de lei que cria o Estatuto dos Funcionários Públicos.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.